

TEMPO ABERTO

Madalena Brito Neves

I

Um pincel à sombra, raio de luz

Dádiva! na estação

vidas marcando o compasso

à direita do ser, à esquerda do Tempo!

Templo no Tempo!

Do outro lado do ano, assim vaticinou Paz

Poeta

Dia primeiro, de celebração “in Peace”

Luzes – cores dançando aos pés d’ Racordai

Nesse instante sombra – cor – dor, vidas à margem

Na margem ... vidas

Sons & Tons

Claro – Escuro SU KU RU

Tempo!

Giza na Djiza – tradiçõn d’ Finaçõn

Canto d’ Esperança!

II

Mulher de olhos rasgados

Nas cores do teu leque guardas força púrpura para
Grilhões quebrar e na dança colorida fazer renascer
Branco – alvo – dourado, o Mar.

Mulher bonita como Nova Sintra d' Eugénio, na carícia do Mar

Fechada na Concha-Medo, na tua hora d' aflição
Mulher-Mãe de muitos amores, teu colo
Adormeceu e, ao despertar, pétalas espalhou.

Mulher-Meninas, abraço do Atlântico

Sonho montado na ponte da tragédia, na tua cápsula
Descrença, desparamenta a sombra, soletra ondas
de grandeza, deixa ouvir galope de cavalos de felicidade.

Menina de Saia Colorida, encomendaram-te a Mortalha
Esqueceram-se de convocar o Poeta do *Epitáfio à la Mer*,

Mar que te Abraça e te chama

Mamãe!

III

*Senhora das tempestades e dos mistérios originais ...
Tudo em ti é surpresa Senhora do grande enigma.*

Manuel Alegre (*Senhora das Tempestades*)

De Praia Town a New York City, noite passeia pela cidade
A carpideira de Balzac e suas irmãs ... dormem de sono solto,
Encomendam com o olhar (os bolsos minguaram) e os gritos

Gritos

Lágrimas, *djiza* entoada, presente de um tempo ausente,
Um nome no silêncio ruidoso, entre nomes tantos
Silêncio bailando na pena do *Poeta!* com *Ovídio* perguntamos:

Quem morreu quando

A vala abriu os braços para acolher um mar de almas,
irmãs e irmãos, destino fechado na arca azul, dor fechada ...

“ Nôs tude morrê um c’zinha”

(Morreu um pedaço de cada um de nós)

Quem morreu quando

Ficou suspensa ...a carícia na *dispidida*

“ Nôs tude morrê um c’zinha”

Quem morreu quando

Na solenidade da hora, palco cheio, taça d’azeite, ofertada com papel-sorriso na
mão

esquerda, luminária levantada, na direita

“ Nôs tude morrê um c’zinha”.

IV

“...imaginem! ...alguém se lembrasse, ... de propor a constituição de uma comissão para estudar medidas de combate ao tempo, ... ao Tempo ... Para se viver sem Tempo, nem mais!”

Jorge Carlos Fonseca (*O Albergue Espanhol*)

Invisível, Indefinido, Indiferente

Ecos da perda, pedra suspensa à espera do Tempo

Templo

Lugar de Partida do Tempo

Supplicationes!

Coliseu! abriu o tempo, tempo *Lamentazioni*, preces à janela,
preghiere chiuse, Santa, Rainha, Deusa, nas preces, Súplica em nome dos ... sem
Nome .

Ano Novo fechado num casulo, fechado na Cidade Proibida, Museu de Silêncio
erguido, em homenagem à

Senhora do Medo.

A castanhola despiu-se de ritmo e, no degelo do Palácio, segue passeando pelo
Prado, frio & nos degraus crescem, quentes, palmas

no coração da Nação.

Torre, dois passos à direita, *roqueou*, na evocação da guerreira, luminária à procura
de mãos certas, seta apontada à tristeza, que desliza, em direcção ao vazio Arco.

No Castelo d' estória, desenhada, no ruído silencioso da praça, nos tambores d'
Cova da Moura, nos passos de Nhô Santo Amaro, no olhar do rio na hora d' sôdade.

Na casta e na raça? Na cor da Dor?

Vila Morena, mensageira à janela das avós, entre a ideia e o olhar, em notas
CêPêLPianas, Serena - Teia

M a m ã e V e l h a .

Peregrina no meio da cidade, pétalas – suspiro do passado

No compasso da súplica, movimento colectivo, olhar no meio do caos, Estátua! em
busca *do céu*.

Matrochka perdeu a saia, na Praça sem cor, com o lenço vermelho-sangue guarda,
no Samovar, o Tchai-quente, para entardecer Instantes da Primavera.

Opera, opereta, convés iluminado nos degraus da beleza, salto certo na magia
da criação, troca as voltas ao esboço de drama e faz brilhar o amanhecer.

Na casta e na raça? Na cor da Dor?

A cidade dorme, rapsódia de silêncio nos pilares da ponte, na Central Station ...
Dinossauro empalidecido na presença ausente do bulício.

No Corcovado, de coração partido, de mãos estendidas aos génios da música e da
história, performance trocada, no palco, trancada.

Na evocação do grito liberdadi! Número à janela da ilha, ergue-se a Voz-Profecia,
que te indaga e te incomoda: [His day is Done?]

NEFERTITI – Rainha, do alto do pedestal, sorrindo para o raio de Sol, que ilumina o
caminho para o Vale dos Reis, in Lockdown.

Na casta e na raça na cor da Dor?

Sombras de Shiva no ninho do DÔDÔ, que descansa à beira mar e soluça na
saudade – segas.

Nas amarras da piroga, pedaços de rima, pintando o ponto de partida: Cabo na ilha,
verde na raiz de um Sahel Atlântico.

Convento d' STÓRIA, joelhos d'Europa, América, África pedindo a bênção a Nossa
Sr^a do Rosário.

Coração da Ilha-Montecara, búzios da Machamba, ressuscitando nos pés
D'Mandinga d' R'BÊRA-BOTE.

Areia suspensa na gota cristalina, Swing d' Me Too, rugido do Tempo, miragem de
visitante na boca da Natureza a guardar o sorriso da Lua.

Na casta e na raça? Na cor da Dor?

Ecos no Templo! Lugar de Chegada

Do Silêncio a Si!
Tempo *Supplicationes!*
Silênciio... Na Piazza

V

*Quero sair andar
Gritar chorar
...
Pois o amanhã será de luta
E as forças não podem eterizar pelo caminho*
Vera Duarte (*Amanhã Amadrugada*)

Pincel!
Estação – Luz!
Manto Azul, Azul imensidão
Azul, Assim ...
Entram no Tempo End of SU KU RU
Deusas & Rainhas
Pés descalços, na Pedra Símbolo, Vida
Nomes
Graça, Maria, Luzia, Joana
Isabel, Fátima, Cize, Brígida
Yemanjá, Nácia, Miriam,
Pilar, Teresa, Tina, Amália

Nomes

Rainhas & Deusas

No aroma a flor de Lis, deslizam

Contam

Dançam

Cantam

Cantam

Dançam

Contam

A Dança da Deusa Dança d' Esperança

Deslizam Assim Azul

Azul, que desagua do lado

esquerdo do Tempo

Aberto!